VÉRTICES e VERTIGENS

ARTE E FORMAÇÃO HUMANA

Vértices e vertigens – arte e formação humana é uma obra tão relevante quanto instigante. Percorrer seus textos permite ao leitor perceber "A arte, em seu prodigioso universo de possibilidades, modalidades e códigos". Provoca sentidos e sentimentos, para além da mera cognição e o desencantamento a que a assepsia moderna condenou o conhecimento do mundo, e a formação humana, limitando-a à sua dimensão cognitiva. A obra desafia o leitor a reconhecer a dimensão estética de nossa formação, a complexidade das vivências e experiências de estar no mundo, de conhecê-lo e de senti-lo.

O livro inclui a beleza na formação e nas pesquisas que a envolvem. Expressa lutas e desafios, evidencia aprendizagens que a vida nos permite efetivar, sempre como processo inacabado, por isso, provisório e permanente, envolvendo vivências cotidianas e reflexões que envolvem emoção, conhecimento e prazer. Trata-se, portanto, de uma obra necessária à ampliação da compreensão dos processos de formação humana.

Inês Barbosa de Oliveira

ISBN 978-65-89060-25-3



DP et Alii

VÉRTICES e VERTIGENS • Aldo Victorio Filho • Nathan Braga Motta de Paula

VÉRTICES e VERTIGENS

ARTE E FORMAÇÃO HUMANA

Aldo Victorio Filho
Nathan Braga Motta de Paula
(organizadores)

FAPERJ
CNPq
DP et Alii

Vértices e vertigens – arte e formação humana
Aldo Victorio Filho e Nathan Braga Motta de Paula (Org.)

Editoração eletrônica
Fátima Kneipp

Imagem da capa:
Nathan Braga
Manifesto contra as imagens fáceis de serem lidas (2022)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V643

Vértices e vertigens : arte e formação humana / organização Aldo Victorio Filho, Nathan Braga Motta de Paula. - 1. ed. - Petrópolis [RJ] : DP et Alii ; Rio de Janeiro : FAPERJ, 2023.
123 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-89060-25-3
978-65-89060-27-7

1. Educação. 2. Arte - Estudo e ensino. 3. Arte na educação - Formação. I. Victorio Filho, Aldo. II. Paula, Nathan Braga Motta de.

23-84687

CDD: 707.1
CDU: 37.015.31:7

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

23/06/2023 29/06/2023

FAPERJ
GRUPO DE PESQUISA:
ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO, SAÚDE E ARTE
CNPQ UERJ

ESTE TRABALHO É UMA DAS PRODUÇÕES DO LABORATÓRIO DE ENSINO DA ARTE – LEA (INSTITUTO DE ARTE DA UERJ) COM APOIO DO PROGRAMA QUALITEC.

Aldo Victorio Filho
Nathan Braga Motta de Paula
(organizadores)

VÉRTICES e VERTIGENS

ARTE E FORMAÇÃO HUMANA

Com textos de:

Aldo Victorio Filho
Aline Macedo
Breno Felipe A. de Oliveira Gomes
Denise Espírito Santo
Érika Lemos Pereira
Geisa Giraldez
Isabel Carneiro
Jacqueline de M. Siano
Julia Cavazzini
Luis Otávio Oliveira
Mariana Pêgas Costa
Nathan Braga Motta de Paula
Paula de Vasconcellos Sophia
Pâmela Souza
Rodrigo Torres do Nascimento
Shion L.
Victor Junger Silveira

FAPERJ Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DP et Alii

© DP et Alii editora Ltda.

Conselho editorial:
Alfredo Veiga-Neto (UFRGS); Betânia Ramalho (UFRN);
Elizabeth Macedo (UERJ); Elizeu Clementino de Souza (UNEB);
Juarez Dayrell (UFMG); Silvio Gallo (UNICAMP);
Timothy Ireland (UNESCO).

Proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer meio ou processo, seja reprográfico, fotográfico, gráfico, microfilmagem etc. Estas proibições aplicam-se também às características gráficas e/ou editoriais. A violação dos direitos autorais é punível como crime (Código Penal art. 184 e §§; Lei 6.895/80), com busca, apreensão e indenizações diversas (Lei 9.610/98 – Lei dos Direitos Autorais – arts. 122, 123, 124 e 126).

DP et Alii Editora Ltda.
Rua Aureliano Coutinho, 53 – Sala 10 – Centro – 25625-000
PETRÓPOLIS – RJ – BR – Tel./Fax: (24) 2247.2834
editora@depetrus.com.br – Home page: www.depetrus.com.br

Impresso no Brasil
2023

Prefácio

Um vértice pode ser o ponto mais afastado de uma figura tanto quanto um local fictício onde retas e arestas se encontram. Ao mesmo tempo, pode ser o ponto máximo atingido por algo que se eleva, não necessariamente considerando o risco de tal elevação. E, paradoxalmente, um vértice também pode ser lido como uma quina, um canto, um não lugar de esquecimento onde a poeira do mundo adormece. Em quaisquer circunstâncias, é curioso pensar como o vértice indica uma posição estruturada a partir de um conjunto de relações. E, neste caso, é possível apostar que tais relações, em suas pluralidades inevitáveis, nos encaminham para a abertura vertiginosa do pensamento em trânsito, erigido na encruzilhada entre a tradição acadêmica e a ousadia criativa da reinvenção.

O conjunto de trabalhos aqui reunidos aceitam o desafio da deambulação, do desconcerto, da dúvida diante daquilo que merece ser inscrito no presente da página como letra. E, por isso, apaixonam-se pela possibilidade do ensaio. Não no sentido de uma confirmação verticalizada de uma hipótese prévia. Mas na afirmação, talvez inconsciente, de seus ritmos dissonantes, atonais e, exatamente por isso, próximos da decrepitude e da perecibilidade das coisas. A vertigem diante do abismo que se desenha é atravessada pela múltipla coragem dos pesquisadores aqui reunidos em colo-

car a mão no solo para tentarem compreender para onde o vento sopra; ou para vasculhar alguma quina do mundo onde o conforto da pesquisa ainda não tenha sido estabelecido, conjugando então vértice e vertigem do pensamento, como um ensaio-vórtex.

Alexandre Sá
Artista, pesquisador, crítico e professor
do Instituto de Artes da UERJ

SUMÁRIO

Apresentação 9

Ensaiar entre as reflexões pedagógica, filosófica, artística etc. 13
Aldo Victorio Filho, Breno Felipe Araujo de Oliveira Gomes e Nathan Braga Motta de Paula

"A noite não adormece nos olhos das mulheres": arte e beleza, territórios em disputa 27
Geisa Giraldez, Luis Otávio Oliveira e Pâmela Souza

Diante do abismo de Rachel Rose: a experiência estética em *Everything and More* 39
Julia Cavazzini

Não sei o que você é, mas gosto de estar com você 51
Shion L.

As imagens e seus deslocamentos em sala de aula: seguindo o percurso das experiências visuais 57
Victor Junger Silveira e Rodrigo Torres do Nascimento

A pé, de busão e de trem: territórios geográficos tangíveis e intangíveis no ensino de Arte 77
Érika Lemos Pereira

Oficinas artísticas como práticas de cuidado em saúde mental 89
Denise Espírito Santo, Mariana Pêgas Costa e Paula de Vasconcellos Sophia

1 palavra por dia 105
Isabel Carneiro, Jacqueline de M. Siano e Aline Macedo

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. (Tradução de Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

OSTROWER, Fayga. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano*: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

As imagens e seus deslocamentos em sala de aula

seguindo o percurso das experiências visuais

Victor Junger Silveira
Rodrigo Torres do Nascimento

Não se trata, portanto, de construir uma cena muda, mas,
uma cena cujo clamor ainda não se apaziguou na palavra.
A palavra é o cadáver da palavra psíquica e é preciso encontrar,
com a linguagem da própria vida. "a palavra anterior à palavra"

Jacques Derrida, 1995

Representações visuais são formas culturais de apresentar,
narrar ou referir, caracterizando ou nomeando grupos de indivíduos,
sujeitos, conceitos, valores e identidades

Raimundo Martins, 2004

Na contemporaneidade, não se pode pensar a vida cotidiana em suas realizações políticas e comunitárias sem o impacto da diversidade das imagens presentes e em constante circulação nas cidades. Bem como, frente a tal diversidade, não

se podem ignorar as mudanças ocorridas entre os cidadãos que, impelidos à posição de espectadores, mobilizam suas rotinas e escolhas na reconfiguração dos circuitos de consumo, na apreciação das produções midiáticas e nas intervenções da paisagem urbana. As questões envolvendo a vida coletiva estão longe de prescindir da interlocução das imagens que, sem precedentes históricos anteriores, povoam e se fazem presentes cada vez mais nos territórios urbanos.

Sendo parte dos territórios que constituem a complexidade contemporânea das cidades e, em vista delas, a intensificação dos encontros entre os seus frequentadores, as escolas vivenciam os efeitos de todo excedente visual pelo modo como conduzem e enfrentam as suas questões cotidianas que, em relação aos seus limites, encontram-se permeáveis e em constante atenção aos problemas da atualidade. O impasse em torno do uso de *smartphones* em sala de aula, acerca das fontes de pesquisa para as atividades pedagógicas e dos recursos digitais para comunicação com os estudantes se impõem como questões que, frequentemente, exigem dos profissionais da escola respostas relacionadas também à problemática das imagens.

Além da seleção curricular dos registros visuais que abrangem fotografias e diagramas apresentados em projetores, audiovisuais como referência introdutória e suplementar às propostas pedagógicas, constituem as escolas outras imagens que não se limitam ao uso acessório e ilustrativo das propostas desenvolvidas em sala de aula. Parte dessas imagens confunde-se com os grafismos inscritos nas paredes e no mobiliário das salas, nos passos e danças coreografados para as plataformas digitais, nas narrativas criadas a partir das experiências escolares compartilhadas, sendo,

dessa maneira, constitutivas de um território de realizações que, envolvendo professores, alunos e funcionários, não se restringem à institucionalidade escolar.

Quando consideramos particularmente as projeções de diagramas e de fotografias, os materiais impressos em livros didáticos ou em apostilas, os recursos digitais de interação em plataformas e *sites*, encontramo-nos diante de realizações curriculares em que os registros expressivos se diversificam e se alternam constituindo um cotidiano de sala de aula desafiador e complexo. Sob tais realizações, as experiências de aprendizagem das linguagens ultrapassam as prescrições vigentes entre os documentos de implementação curricular e, mobilizadas pelas imagens, confundem-se com outras realizações voltadas aos interesses e desejos mais imediatos dos estudantes, dos professores e dos demais profissionais da escola.

Nesse sentido, a problemática da imagem se impõe às experiências educativas como alteridade expressiva entre os currículos praticados (OLIVEIRA, 2003) na medida em que, ao mobilizar os desejos coletivos, impele professores e estudantes a novos engendramentos das aprendizagens e, com eles, a diferentes deslocamentos entre as linguagens empregadas. Isto é, as imagens em sua diversidade de registros são, sob o cuidado e a atenção destinada às experiências educativas, suscetíveis a dispor perguntas que envolvem desde as matrizes curriculares integrantes da institucionalidade escolar às dinâmicas de ocupação dos territórios em geral que, na sua relação com a cidade, a escola se faz realizar enquanto um espaço destacado dos demais e, no entanto, permeável aos principais acontecimentos coletivos.

Como os registros visuais podem ser melhor empregados junto aos saberes pertencentes a um determinado campo disciplinar?

Operariam eles em consonância com as lógicas pressupostas pelos currículos prescritos? Não levariam os estudantes para um estado de dispersão dificultoso em vista dos tópicos abordados? Em que medida as imagens os instruem e os dispersam para as atividades pedagógicas a serem realizadas? Em que medida as imagens dão a saber os saberes disciplinarmente organizados nos currículos?

No presente capítulo, procuraremos pensar a alteridade visual nos cotidianos da escola a partir de algumas experiências por meio das quais, no desenvolvimento de pesquisa com bolsistas do programa Pibid, nos foi possível acompanhar os deslocamentos das imagens entre diferentes registros expressivos e, desse modo, tematizar as experiências de sala de aula como um permanente desafio de tradução entre linguagens. Esses deslocamentos são aqui compreendidos em seus valores visuais transpostos de uma lógica a outra entre os registros de linguagem mobilizados, como um dado que adquire sentido ou o faz perder a partir do próprio investimento destinado à elaboração da experiência (LARROSA, 2019), conforme a imagem se vê atualizada na escrita, na fala ou na colagem dos estudantes envolvidos.

Parte do desafio de elaborar os deslocamentos das imagens se deu pela restrição que as linguagens verbais impõem ao estudo das imagens, marcadas por uma alteridade (MITCHELL, 2009; 2015; 2016) que, longe de se realizar em fácil tradução pela escrita, termina por dissuadir e complicar o seu desejo de legibilidade pretensamente suposto pelo controle da sua dimensão visual. Sendo as pesquisas em *Cotidiano Escolar* (ALVES, 2008; ANDRADE, 2011; VICTORIO FILHO, 2005) e *Cultura Visual* (MARTINS; TOURINHO, 2011) também comprometidas com registros escritos e orais, as investigações envolvendo os jogos entre as palavras

e as imagens constituem um aspecto de significativo interesse para elas na medida em que, em atenção aos registros visuais, suas possibilidades de investigação fazem inscrever diferentes sentidos no compartilhamento das experiências de sala de aula.

Entendemos que a atualidade das problemáticas pedagógicas e curriculares decorre também da diversidade de registros expressivos que, nos cotidianos, são empregados em conjunto e sob efeitos sobrepostos por professores, mesmo considerando a alteridade existente entre os registros verbais e visuais (MITCHELL, 2009) como um complicador da compreensão esperada pelos currículos vigentes. Muitos desses registros são empregados como recursos didáticos e resultantes dos impasses que desafiam as escolas não somente ao atender as demandas atuais dos estudantes, como ao exigir dos professores o entendimento de seu alcance sensível e epistêmico de modo a ampliar as suas ações pedagógicas.

Para tanto, abordaremos a experiência de acompanhamento da pesquisa nas salas de aula da escola dispondo-as a partir da problemática dos deslocamentos da imagem, na elaboração das oficinas desenvolvidas com estudantes do curso de licenciatura em Artes Visuais/UERJ egressos do programa Pibid, com informações acerca da escola e da rede de pesquisa com eles elaborada. Em seus contextos e junto aos referidos bolsistas, foi possível trabalhar a produção de imagens partindo da apresentação de mapas geográficos e anatômicos e fotografias de satélite, seguida de anotações e conversas importantes à investigação de cada participante, realizando um espaço de diversidade de registros que, em sua elaboração, nos permitiu recuperar as imagens das experiências vivenciadas na escola.

Acreditamos, assim, apresentar alguns indícios significativos para pensar e dispor de outras aproximações que, na investigação dos cotidianos, entendemos importantes para a compreensão dos espaços escolares e, principalmente, para o estudo da formação docente.

Os relatos acerca dos deslocamentos

A presente pesquisa teve parte de seu desenvolvimento em um colégio da Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, seguido de uma breve passagem pelo Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ao longo de todo o período investigativo, foi possível acompanhar a atuação dos professores supervisores e estudantes bolsistas pelo programa Pibid[1] em Artes Visuais/UERJ, na realização de aulas, planejamentos e oficinas, tendo como principal orientação em seu acompanhamento as experiências de sala de aula e os esforços de aproximação dos estudantes do colégio.

Inicialmente, o programa Pibid compunha-se de 12 bolsistas do curso de licenciatura em Artes Visuais, passando a um número de 27 no ano de 2018, em função das mudanças sofridas pela universidade com a ampliação de bolsas para o programa e, em um

1. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O subprojeto Pibid/Artes Visuais (UERJ) se estabeleceu em um laboratório dedicado à pesquisa e criação de recursos didáticos pedagógicos para o ensino formal e não formal da arte. O objetivo do subprojeto foi a parceria e o intercâmbio de saberes e fazeres entre estudantes e professores da escola pública na qual se realizou o projeto, de modo a contribuir na formação em processo e continuada, assim como beneficiar os estudantes da escola por meio do enriquecimento curricular em termos pedagógicos, metodológicos e conceituais.

cenário mais amplo, pela política nacional de incentivo à formação docente. Com as reuniões semanais sediadas no Instituto de Artes, o grupo de participantes pôde contar com um espaço regular de planejamento das oficinas e de outras ações, além de partilha dos relatos, leituras e reflexões acerca das experiências de pesquisa vivenciadas no colégio.

Nesse sentido, as oficinas foram organizadas tendo em vista a regularidade de participação nos cotidianos da escola, motivadas pelas conversas em reunião e pelo acompanhamento das rotinas das professoras supervisoras que, responsáveis pela condução curricular, propunham turmas e temáticas para as oficinas. Com elas, foi possível trabalhar a produção e apreensão das imagens na experiência cotidiana que decorreram dos acontecimentos comuns à sala de aula e apresentam desdobramentos significativos ao envolvimento dos estudantes com as propostas. A partir das negociações estabelecidas com as professoras supervisoras, as oficinas contaram com um tempo indispensável ao desenvolvimento da escuta e da relação dos estudantes com as imagens.

Ademais, parte do objetivo geral da pesquisa foi o de investigar as imagens e as experiências visuais que constituem os cotidianos das salas de aula, frequentemente secundarizadas em seu valor epistêmico (MITCHELL, 1984; 2015; 2016) e pela prevalência dos registros escritos (CERTEAU, 1998), na medida em que subvertem a ordem discursiva fundamentada pelas linguagens verbais. No entanto, os relatos que apresentamos aqui na forma de extratos de caderno de campo foram produzidos a partir de um grupo de oficinas realizadas com bolsistas Pibid, onde nos propúnhamos a compor mapas relacionados às suas experiências de pertencimento à área de Educação e de seu processo pessoal de formação docente.

Para o presente artigo, procuramos nos ater à proposta às cartografias voltadas ao território nos quais, antes de qualquer referência ao vivido no colégio, as imagens da pesquisa puderam se realizar, assimilar e somar-se às memórias de aprendizagem que, em algum momento, marcaram e ainda marcam os estudantes bolsistas em relação aos espaços de ensino.

Figura 1 – Registro fotográfico da oficina.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Para tanto, foi proposto transformar o conjunto de mapas produzidos em cartas de um jogo de baralho que, pela dificuldade de finalização do período acadêmico, não ocorreu como o esperado, que supunha a integração de todas as lâminas e sua abertura nas instalações do Instituto de Artes. Ainda assim, esse dado da proposição marcou algumas das escolhas dos estudantes e parte

de suas expectativas sobre a oficina, a ponto de sermos interrogados em ocasiões improváveis sobre a finalização do baralho e o momento em que ele estaria disponível para ser jogado. Com isso, trabalhamos com anotações preliminares do mapa visual e dos relatos das experiências que, ao longo da oficina, entendemos terem se comunicado em suas possibilidades expressivas.

Sigo os registros visuais de T:

> Quando chegamos ao momento de conversar sobre os mapas, T havia parado por instantes para pensar sobre o que dizer. Havia se emocionado. Seu mapa tratava-se de um trajeto entre sua casa e a universidade, acompanhada de uma região de sonhos e expectativas fabuladas. [...] Ela relatou parte das dificuldades que vinha enfrentando com seus familiares e como o trajeto para a UERJ era um momento de descanso. Também dessa região separada de tudo mais em que havia traçado seus sonhos e expectativas. [...] Destaquei a proximidade entre sua casa e a universidade, a última ser circundada por uma bolha azul. O traçado que constituiria a casa com traços erráticos e céleres, bem como o cuidado no desenho com essa região de sonhos. O mapa constituía proximidades e distanciamentos espaciais, ao mesmo tempo em que posicionava seus sonhos em relação a isso tudo (RELATO DE CAMPO nº 1, 2019).

Em suas anotações prévias:

> Retomando os registros da oficina, percebo que as anotações das graduandas traziam uma formação visual muito particular. Elas pareciam indiciar um percurso investigativo que expressava aproximações e distanciamentos compositivos. As anotações de T se assemelhavam ao que viria se constituir no seu mapa, reunindo palavras em três grupos distintos, quais sejam, a casa, a universidade e suas expectativas.

> [...] As graduandas também visualizavam o uso das palavras numa antecipação dos mapas, numa distribuição das anotações que sugeria entre si relações de afastamento e proximidade. Elas compunham os escritos como mapas que viriam a se ocupar de outros mapas e favorecer o percurso investigativo com o uso das imagens (NOTA DE CAMPO nº 2, 2019).

A preparação do mapa pelas anotações de T parecia antecipar a sua organização compositiva, com palavras em regiões do papel que seriam retomadas pelo traçado cartográfico. Aqui, o registro escrito do mapa adquiriu um valor visual que parecia já compor a imagem, quando não a inscrevia sob o uso das palavras, numa passagem do processo da escrita à elaboração do traço. T oferecia assim indícios do deslocamento da imagem que se realizava conforme a expunham os registros.

Com G, outros deslocamentos surgem:

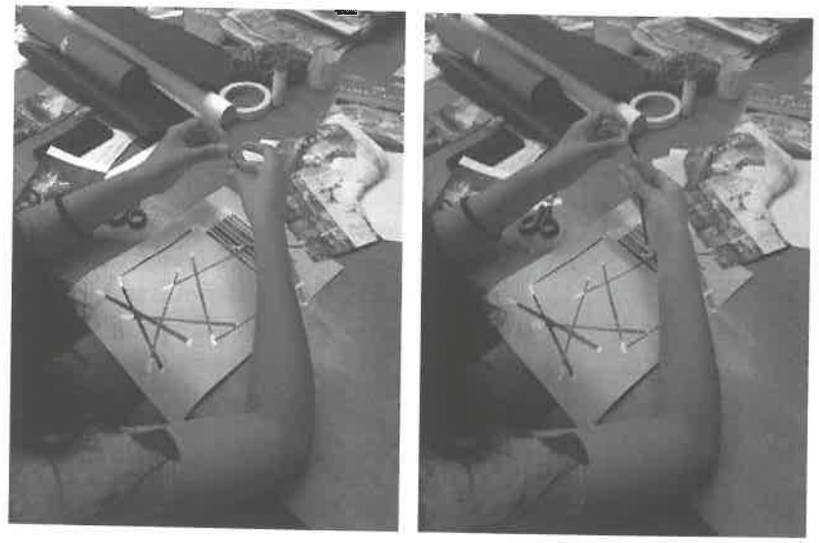
> Entre as folhas disponíveis G escolhera a verde. Perguntou se poderia usar duas cores. Expliquei que se tratava dos naipes de um baralho. Poderíamos usar a tinta acrílica sobre a folha. Ele concordou. Ficaria com a cor verde. Pegou então o pastel oleoso vermelho e começou a colorir uma das extremidades. Mantinha também ao seu lado as anotações, que não eram poucas. E, por vezes, as checava como forma de prosseguir na composição do mapa. G inseriu uma pequena folha branca na parte inferior direita e, sobre ela, gravou sua digital com uma camada de pastel vermelho. Tomou um tempo para pensar no que fazer. E demorou. Havia pensado em algo que chamara sua atenção em um dos mapas apresentados. Um local que fizera e continuava a fazer parte da sua vida. Havia pensado em Guapimirim e, principalmente, no Rio Guapimirim que desembocava na Baía de Guanabara (NOTA DE CAMPO nº 3, 2019).

Em seu relato, outras imagens surgiam e adensavam o mapa.

> Quando iniciamos a leitura dos mapas, G confessou perceber em Guapimirim uma relação com a escola. Ao menos com as escolas que lhe foram mais significativas. Estas escolas possuíam uma extensa área verde onde os estudantes poderiam brincar no recreio ou ter aulas. Recordou do Jequitibá que é um dos símbolos da cidade. E do trajeto do rio que havia realizado recentemente. Essas referências todas estavam muito próximas umas das outras. A escola e Guapimirim. "Sempre que faço esse tipo de trabalho, volto para o mesmo lugar, as mesmas questões e para a mesma época" (NOTA DE CAMPO nº 4, 2019).

Aqui, o mapa, enquanto registro visual, apresentava um traçado preliminar em relação ao que seria dito por G. A imagem que ele dispunha em composição antecipava o rio Guapimirim central para o seu relato, com suas memórias sobre o município e as escolas onde estudara na cidade do Rio de Janeiro. Ela se constituía desde o traçado cartográfico ao registro oral numa passagem entre qualidades expressivas e valores visuais muito distintos.

Figuras 2 e 3 – Registros fotográficos da oficina.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

As experiências presenciadas na oficina deixam ver relações que as imagens podem estabelecer entre os registros e, a partir deles, a sua distribuição em valores visuais, como ocorreu das anotações à composição dos mapas ou dos mapas à sua elaboração oral. As anotações de T possuíam uma ordem de composição semelhante à organização do seu mapa que apresentava valores visuais distintos do primeiro registro, também presente na composição do mapa de G, que partiu de alguns elementos visuais para prosseguir com o relato sobre suas escolas anteriores.

Enquanto as anotações sob a visualidade de seus caracteres se constituíam em uma composição econômica e com traços bem-determinados, sua transposição em mapa explorava os recursos cromáticos e as possibilidades de tradução em âmbito *pictorial*[2].

2. Fazemos referência aqui à pictorialidade partindo das contribuições de W. J. T. Mitchell (1984) quanto ao vasto grupo de imagens que se contrapõe às imagens mentais, mesmo entendendo que, de certa maneira, toda imagem possui uma dimensão pictorial.

T explorava tanto no registro escrito quanto no registro visual as possibilidades expressivas e os saberes que dispunha para a realização das transposições, reelaborando com isso os valores visuais a partir da lógica de cada registro mobilizado.

Figura 4 – Registro fotográfico da oficina.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Acreditamos que, a partir dos registros das oficinas, os deslocamentos das imagens se apresentam como importantes à compreensão das experiências de sala de aula, ao evidenciar as relações estabelecidas pelos bolsistas entre os registros visuais e verbais que, sem o seu espaço de elaboração, poderia se limitar a um único registro expressivo. Com eles, não somente a possibilidade de recuperar o percurso da imagem torna-se um recurso pedagógico

para o acompanhamento e avaliação dos estudantes, como permite igualmente compreender as soluções praticadas em todo esforço inventivo e entendimento epistêmico dos seus valores visuais.

Importante destacar que os deslocamentos das imagens enfrentaram as possibilidades e os limites característicos de cada registro, demandando dos bolsistas parte dos saberes adquiridos ao longo de sua trajetória de formação que igualmente tornaram-se indispensáveis ao investimento de transposição entre as linguagens. Tal condição não deixou de conduzi-los à reinvenção das imagens que, como todo investimento criativo, pode afastar-se dos seus primeiros registros, ou reiterá-los, com elementos visuais específicos e grafados sob um dado de proximidade formal, simbólico ou *pictorial* que, ao se assemelharem, os fazem pertencer a uma mesma ideia de imagem.

Além disso, os deslocamentos se apresentaram como caminhos de reinvenção e de descoberta de possibilidades que, no desafio da representação fora do registro verbal, ou seja, por meio de imagens visuais, implicaram a revisão dos entendimentos de si e das experiências vivenciadas. Criar registros visuais e, junto a eles, registros verbais que os tematizassem implicou a revisão das relações entre memória e experiência, o que, pela realização poética, somente pode ocorrer entre a criação do registro e do sujeito criador.

Com G, os elementos visuais que compuseram o mapa alimentaram as narrativas advindas de sua relação com Guapimirim e as escolas anteriores, em um esforço de memória que o permitia investigar tais relações reconhecendo nelas uma parte de si. A elaboração do registro oral a partir do registro do mapa decorreu de investimentos em que G se viu comprometido com seus desdobramentos, mobilizado como

parte dessa elaboração que suscitou sua memória a pôr em questão a si mesmo no curso da experiência.

Dessa maneira, compreendemos ser um limite à pesquisa manter a prevalência do registro verbal em relação à imagem que, em vista das experiências de sala de aula, pode reduzi-la à ideia de uma decodificação (MITCHELL, 1984; 2015) ou simples leitura do registro visual, o que a estabelece menos sob o registro de performance do que sob o registro da instrução. Trata-se, aqui, de considerar a imagem e o trabalho pedagógico em uma perspectiva ampliada e, com isso, sob a subversão dos registros verbais pelas lógicas visuais, que conduz a pesquisa a aberturas vivenciadas nas experiências visuais no contato imediato com as imagens.

As experiências visuais compartilhadas também procuraram apresentar as implicações dos estudantes na elaboração da imagem que, por sua vez, pareceram alimentar um substrato pessoal de memória e figurá-los nos registros da fala e imagens mentais. Frente ao que pode ser exposto, tais experiências mobilizaram referências que ultrapassaram o espaço de ensino e recuperaram acontecimentos com um valor pessoal significativo, realizando em sua elaboração o que Michel de Certeau (1998) consideraria como parte de uma bricolagem cotidiana (ALVES, 2008a, 2008b; VICTORIO FILHO, 2007) onde os sujeitos igualmente se reinventam com os textos envolvidos em sua leitura.

Há dessa maneira uma dinâmica nos relatos que exprimem as realizações do cotidiano escolar e manifestam uma fração do que a visualidade da sala de aula é capaz de realizar entre os currículos praticados (OLIVEIRA, 2003). Nesse sentido, os deslocamentos das imagens orientam a percepção dessas realizações que fazem do território visual da escola um campo inesgotável de experiências,

sempre recriado e usufruído por aqueles que participam de seus acontecimentos mais corriqueiros (ANDRADE, 2011).

Por indiciarem saberes e interesses pouco convencionais, as imagens se dispõem como um importante recurso aos estudos dos cotidianos escolares (ALVES, 2008a; ANDRADE, 2011; FERRAÇO, 2008; SÜSSEKIND, 2010; VICTORIO FILHO, 2005), bem como àqueles comprometidos com a cultura visual escolar, em que a imagem representa uma parte do restante dos problemas a serem investigados nesse campo de estudos (MARTINS; TOURINHO, 2011; 2014; OLIVEIRA, 2003).

As imagens são desafiadoras por exigir uma postura interrogativa no uso dos registros escritos, do mesmo modo que o seu protagonismo, frequentemente submetido em discurso a um funcionamento auxiliar e ilustrativo. O presente estudo procurou comunicar também estratégias metodológicas desenvolvidas conforme seu envolvimento com os espaços escolares, como sua retomada no espaço da universidade onde desenvolvemos a pesquisa com os graduandos.

A relevância das pesquisas dos Cotidianos Escolares está não somente no desafio epistêmico que sua captura propõe na relação com as imagens, em sua diferença constitutiva acerca dos registros verbais e recorrência enquanto recurso investigativo. Ela também se dispõe como importante caminho para a problematização das imagens e das experiências visuais no momento em que o olhar se encontra em produção, no percurso cotidiano dos acontecimentos que fazem das salas de aula espaços imprevisíveis e, ao mesmo tempo, potentes.

Os deslocamentos das imagens entre os registros são uma parte dos investimentos que constituem as visualidades escolares e, por essa razão, são responsáveis pela produção do olhar, daqueles que vivenciam seus cotidianos entre as demandas institucionais e esforços pessoais de pertencimento coletivo. Sua tematização envolve as experiências comuns praticadas e as possibilidades de saber envolvidas com as problemáticas das imagens, o que também expressa parte dos cotidianos e daquilo que é inevitavelmente produzido para além de seus investimentos prescritivos (OLIVEIRA, 2003).

As imagens são parte fundamental das experiências cotidianas e, ao tematizá-las em seus deslocamentos, tornam-se igualmente indícios dos acontecimentos que, inesgotáveis, permeiam a vida nas salas de aula.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/dos/com os cotidiano das escolas* – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008a, p. 15-38.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas* – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008b, p. 39-49.

ANDRADE, Nívea. *Práticas escolares como táticas criadoras*: os praticantes nas tessituras de currículos. 2011. 155 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BREDEKAMP, Horst. A neglected tradition? Art History as Bildwissenshcaft. *Critical Inquiry*, v. 29, n. 3, p. 418-428, 2003.

BOIDY, Maxime; ROTH, Stéphane. Indiscipline de l'image. In: MITCHELL, William, J. T. *Iconologie*: image, texte, idéologie. 2. ed. Paris: Amsterdam/Les Prairies ordinaires, 2018, p. 5-16.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma Metodologia Efêmera ou Sobre as Várias maneiras de se Sentir e Inventar o Cotidiano Escolar. In: OLIVEIRA, I. B e ALVES, N. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas* – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro, RJ: DP & A, 2008, pg. 101-117.

KNAUSS, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 151-168, dez. 2008.

LARROSA, Jorge. *Tremores*: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, Raimundo. Cultura visual: imagem, subjetividade e cotidiano. In: MEDEIROS, Maria Beatriz de (Org.). *Arte em pesquisa*: especificidades. Vol. 2. Brasília: Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília (UnB), 2004, p. 160-166.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual*: conceitos e contextos. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2011, p. 51-68.

MITCHELL, William J. T. What is an image? *New Literary History*, v. 15,n. 3, Image/Imago/Imagination, p. 503-537, 1984.

MITCHELL, William J. T. *Teoría de la imagen*: ensayos sobre la representación verbal y visual. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

MITCHELL, William J. T. *Image Science*: iconology, visual culture, and media aesthetics. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

MITCHELL, William J. T. *Iconologia*: imagen, texto, ideologia. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados*: Entre a regulação e emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. Por um conhecimento nasdas escolas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Práticas cotidianas e emancipação social*: do invisível ao possível. Petrópolis: DP etAlii; Rio de Janeiro, RJ: Faperj, 2010.

TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo (Orgs). *Educação da cultura visual*: conceitos e contextos. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2011, p. 51-68.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo (Orgs). *Pedagogias culturais*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014.

VICTORIO FILHO, Aldo. *A arte na/da educação*: a invenção cotidiana da escola. 2005. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

VICTORIO FILHO, Aldo. Pesquisar o cotidiano é criar metodologias. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 98, p. 97-110, jan./abr. 2007.